

III - O EXPURGO DA IMAGINAÇÃO E A RAZÃO CRIADORA: UMA AMBIGÜIDADE?

1 - Obstáculos epistemológicos e a psicanálise do conhecimento

O sujeito cognoscente, em sua incessante busca da objetividade, não é apenas um ser racional que constrói a experiência. Sua condição humana, ou seja, ser de luz e de sombras, não se ausenta na consecução do trabalho científico. A imaginação, os devaneios, as ilusões engendradas pelas fantasias da alma podem, por vezes, impregnar a investigação, tornando predominante aspectos puramente subjetivos. Nesse sentido, como observa P. Quillet,¹ a racionalidade se constrói em tensão constante com as pulsões da vida, numa verdadeira guerra interior.

Em face dessa constatação, Bachelard assinala que a objetividade, almejada na construção do objeto científico, decorre da coerência do processo de racionalização, o qual não se efetua sem perturbações. Nele, o cientista defronta-se com os chamados obstáculos epistemológicos que se desvelam como verdadeiros percalços em sua trajetória de investigação. Particularmente em seu livro *A Formação do Espírito Científico*, o autor vai analisar detidamente os obstáculos que devem ser suplantados para que prevaleça uma perspectiva verticalmente científica e racional, que erradique os resquícios de um pré-saber ou as representações fundadas na imaginação. O conhecimento científico é realmente fecundo, visto que, a partir de erros passados, reorganizados, é capaz de retificá-los, de superá-los, dando lugar a teorias outras, tornando-as cada vez mais elaboradas. Justamente porque os enigmas e as interrogações dinamizam-no, ele se mantém vigilante em relação aos obstáculos que desvirtualizam seu itinerário, quais sejam, substancialmente, as representações ilusórias, imaginárias e pré-científicas que provêm do realismo ingênuo e dos hábitos mentais anacronizados.

Torna-se fundamental, na discussão a respeito dos obstáculos epistemológicos, aludirmos à forma pouco ortodoxa e um tanto quanto inusitada pela qual Bachelard vai utilizar o conceito de psicanálise, apropriando-se, sistematicamente, dos conceitos freudianos. No processo que busca haurir os excessos e as fascinações de um pré-saber no discurso e na investigação científica, cumpre ao epistemólogo psicanalisar o conhecimento objetivo, denunciando suas irracionalidades, seus devaneios, coibindo a presença

exacerbada da subjetividade. A psicanálise do conhecimento objetivo equivaleria, em última instância, a erradicar do olhar científico as emoções, as fantasias e as forças psíquicas que acompanham os homens em seu envolvimento passional com o mundo, explicitando o assédio do inconsciente, cuja manifestação na construção do saber resulta na produção de uma ciência demasiadamente pessoal e pouco criteriosa. As intervenções inconscientes, operam, pois, a estagnação do pensar, a qual é designada por Bachelard como um *contra-pensamento*.

Dado que a cesura entre conhecimento comum e ciência é imprescindível, a psicanálise revela-se como condição realizadora desse rompimento. Ou seja, o ato de psicanalisar, ao exaurir a sedução das primeiras imagens, das fantasias que cunham o pensamento comum, vem concretizar a ruptura. Escreve Bachelard: "De fato, a objetividade científica só é possível se inicialmente rompemos com o objeto imediato, se recusamos a sedução da primeira escolha, se detemos e refutamos os pensamentos que nascem da primeira observação. Toda objetividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contato com o objeto. Ela deve em primeiro lugar criticar tudo: a sensação, o senso comum, incluindo a prática mais constante e, finalmente, a etimologia, pois o verbo, feito para cantar e seduzir, raramente coincide com o pensamento."² As imagens inconscientes, muitas vezes, presentificam-se como convicções com aparência de saber, atrofiando o conhecimento. Os devaneios levam-nos a professar valores que não são produtos de embate e amadurecimento intersubjetivo, mas, unicamente, corolários de elucubrações solitárias. A ciência, ao contrário, é filha da discussão, configura-se como prática social e discursiva. Daí que o cientista, recusando-se a personalizar seus conhecimentos e privilegiando a socialização de suas convicções, adota uma postura irônica diante do fascínio proporcionado pelo primeiro contato com o objeto. Enquanto *vigilância malévola*, no dizer de Bachelard, a ironia viabiliza uma atitude que almeja a objetivação. Ao mesmo tempo que se mostra irônico, o espírito científico revela-se taciturno e adota a antipatia como precaução. A rigor, portanto, inferimos que a psicanálise do conhecimento objetivo vem cotejar o caminho do conhecimento em direção a uma proximidade cada vez maior do real. Esse processo se constitui como um incessante esforço de pulverização das imagens falaciosas que buscam ofuscar o propósitos do conhecimento objetivo.

¹ QUILLET, P. **Introdução ao Pensamento de Bachelard**, p. 32

Postulando a ciência como resultado de uma crescente geometrização dos fenômenos, o autor assinala que o percurso da investigação se orienta para uma progressiva abstração, a qual se distancia cada vez mais das aproximações iniciais dos fenômenos ancoradas no realismo ingênuo. A elaboração ou construção do mundo fenomênico força o cientista contemporâneo a ultrapassar o real, a ir além da mera descrição, passando a inquirir o porquê matemático. Processo esse que opera uma radical mutação no universo científico, qual seja, privilegia-se a criação em detrimento da descrição. Daí que o caráter abstrato da ciência contemporânea logre a dinamização do pensamento: "Dado que se tem acesso a uma lei geométrica se realiza uma assombrosa inversão espiritual, suave e viva como uma concepção: a curiosidade da lugar à esperança de criar."³ Nesse percurso em que a curiosidade é suplantada pelo desejo de criação, psicanalisar o conhecimento objetivo torna-se tarefa do pensamento epistemológico e condição fundamental para que a crescente abstração prevaleça. Cabe a ele eliminar os vícios do utilitarismo e do pragmatismo, orientando o espírito no seu percurso que vai da representação imediata à abstração.

É crucial esclarecer que os obstáculos epistemológicos não são apenas externos e precedentes à ciência. Não se referem exclusivamente às ilusões da opinião, às fraquezas do espírito humano ou à fugacidade do fenômeno. Ao contrário, estão comumente incrustados no próprio ato de conhecer. Logo, caso não se estabeleça uma atenção de *vigilância* constante, o conhecimento está ameaçado de enrijecimento: "É no próprio ato de conhecer, intimamente, que aparecem, por uma espécie de necessidade funcional, lentidões e perturbações. É aqui que residem as causas da estagnação e mesmo de regressão, é aqui que iremos descobrir as causas da inércia, a que chamamos obstáculos epistemológicos."⁴ Como compreender esse momento de estagnação que irrompe no próprio interior do conhecimento? Sabemos que, para Bachelard, o ato de conhecer algo novo colide necessariamente com um conhecimento antecedente. O avanço da ciência, ou seja, a instauração de uma nova interpretação sobre um mesmo problema, consolida-se por meios de retificações e reorganizações de um olhar anterior. Destarte, cada um dos saberes que o pensamento científico ultrapassa representa um obstáculo superado no processo de mutação incessante da ciência. Constatamos no capítulo precedente que

² BACHELARD, Gaston. **La psychanalyse du feu**, Paris, Ed. Gallimard, 1949, p. 11

³ BACHELARD, G. **La Formation de L'Esprit scientifique**, p. 6

⁴ Idem, p. 13

inexistem na ciência estados zerados, todo começo representa um recomeço, uma nova jovialidade. Isso porque o espírito que se defronta pela primeira vez com a ciência já é muito velho, visto que traz implícita a idade dos preconceitos. Assim: "Ter acesso à ciência é, espiritualmente rejuvenescer, é aceitar uma mutação brusca que deve contradizer um passado."⁵ A retificação e a reorganização do saber prévio constituem a necessária ruptura com o passado impedindo que o conhecimento permaneça como a perpetuação de si mesmo. Sob esse prisma, as limitações das organizações teóricas precedentes figuram como verdadeiros impedimentos para o avanço do pensamento. A superação de tais restrições não é sempre fácil e a sua permanência pode retardar e paralisar o pensamento. Nesse sentido, Bachelard afirma que um conhecimento científico adequado, hábitos intelectuais que foram úteis um dia, posteriormente passam a presentificar o empedernimento do saber: "Chega uma altura em que o espírito gosta mais daquilo que confirma seu saber do que daquilo que o contradiz e prefere as respostas às perguntas. Passa então a dominar o instinto conservativo e o crescimento espiritual cessa." ou ainda, no mesmo texto: "Um conhecimento adquirido por um esforço científico pode também declinar. A questão abstrata e livre acaba por consumir-se: a resposta concreta permanece. Por conseguinte a atividade espiritual inverte-se e fica bloqueada. Um obstáculo epistemológico incrusta-se no conhecimento não questionado."⁶ Processo, sem dúvida, sintomático de que só é possível alcançar o novo espírito científico libertando-nos das amarras e dos engodos que nos levam a contemporizar com um saber já anacrônico, com costumes intelectuais arraigados e ineficazes.

Bachelard alude ao desenvolvimento histórico do pensamento científico cujos feitos ilustram sua evolução. Em cada período, as dificuldades representadas pelos obstáculos assumem configurações diversas. Logo, o autor estabelece três distintos períodos na evolução do pensamento científico. O primeiro, designado estado pré-científico, engloba a antiguidade clássica até o renascimento, século XV ao XVIII; o segundo período, estado científico - fins do século XVIII, século XIX e início do XX. Por fim o terceiro, peculiarizado pelo inaugurar do novo espírito científico, inicia-se no decurso do século XX com a teoria da relatividade. A partir daí a razão reordena noções fundamentais e passa a empreender abstrações, no dizer de Bachelard, mais audaciosas, capazes de ordenar todas as possibilidades da experiência. Incorrendo numa classificação

⁵ Idem, p. 14

que relaciona-se diretamente com os períodos históricos, Bachelard estabelece os vários estados pelos quais a formação individual do espírito científico passará - estado concreto, estado concreto-abstrato, estado abstrato. O primeiro torna prevalente uma literatura que faz a apologia da natureza e da unidade do mundo cristalizada nas primeiras imagens. O segundo concerne ao momento em que a experiência física associa-se a esquemas geométricos e o pensamento mais abstrato é ainda sugerido pela intuição sensível; Bachelard alude aqui a uma situação paradoxal na qual prevalece uma filosofia da simplicidade. O terceiro, no qual o espírito científico subtrai informações da intuição do espaço real e da experiência básica. O real em sua imediaticidade passa a ser concebido como *informe e impuro*.

Simultaneamente a estes estados do desenvolvimento do espírito científico, Bachelard empreende uma psicologia da paciência científica, estabelecendo um paralelo entre a lei dos três estados do conhecimento e a lei dos três estados da alma. A alma pueril e mundana é movida pela curiosidade imediata, pelas intuições. A ela sucede a alma professoral que realiza a primeira abstração, mas enreda-se dogmaticamente em seus postulados, revelando-se incapaz de seguir adiante. Por fim, a alma que se mostra capaz de abstrair e arrisca-se ao pensamento emancipado da base experimental, ousa abstrair, malgrado as dúvidas e as objeções suscitadas no interior da própria razão. Nessa sistematização, a evolução individual do espírito científico parte de uma representação imediata do fenômeno e culmina na capacidade de abstração plena, cujo rompimento com o realismo ingênuo é premissa indispensável para a concreção do novo espírito científico. Ao psicanalisar o conhecimento, eliminando o utilitarismo, a epistemologia logra impulsionar o espírito para além do concreto, da representação à abstração

Ao problematizar o passado espiritual da ciência, particularmente aquele que se constitui durante o século XVIII, Bachelard elenca os principais obstáculos a serem superados, representantes dos laços que nos vinculam ao estágio pré-científico, aos hábitos anacrônicos que se presentificam no desenvolvimento do pensamento científico. Os primeiros obstáculos são aqueles oriundos da experiência imediata, na qual a imaginação funde-se com a observação, engendrando práticas empíricas nada consistentes. Saber que se presentifica na opinião. O conhecimento empírico, sensível, está comumente imerso em posturas pragmáticas e realisticamente ingênuas. A adesão

⁶ Idem, p. 15

imediate ao objeto, assevera Bachelard, não corresponde ao espírito científico, mas ocorre em consonância com o desejo de satisfação íntima e não com a perspectiva de um evidência racional⁷. Não obstante, os equívocos, os fracassos são constitutivos do percurso da ciência. Serão eles que suscitarão as retificações dos erros anteriores, o julgamento racional dos engodos e dos equívocos. Daí decorre que entre ciência e opinião se verifique uma oposição irreversível: "A opinião pensa mal, não pensa, traduz necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos por sua utilidade, ela se proíbe de conhecê-los. Nada pode fundar-se sobre a opinião. Antes de tudo é necessário destruí-la."⁸ A opinião calcada sobre as intuições, sobre as experiências imediatas, sobre desejos inconscientes ou surdas paixões, constitui-se como o primeiro obstáculo a destruir. Mas esse não se resume a um trabalho meramente subjetivo; antes, depende de uma postura concatenada com os critérios vigentes na comunidade científica. Ao contrário da opinião que traduz o imediato em conceito, o pensamento científico elege o problema como objeto em detrimento dos dados. A idéia da ciência como construção torna-se aqui privilegiada. Conhecer não é nomear o imediato, é destrinchar problemas, construir respostas.

Outro obstáculo recorrente reside no conhecimento geral. As generalidades priorizam uma resposta ampla e vaga em detrimento do problema específico que equacione as hipóteses, immobilizando, assim, o pensamento. Bachelard assevera que a ciência do geral é comumente uma paralisação da experimentação, um empirismo fracassado. A obsessão pelo conhecimento geral, que permeou o percurso do pensamento desde Aristóteles até Bacon, é responsável pelo atraso do progresso da ciência. De acordo com o autor, a riqueza de um conceito se revela em sua capacidade de deformação. Ou seja, um conceito genérico, uma lei geral, ao submeter os diversos fenômenos às mesmas condicionantes - a observação e a experiência - subtrai suas peculiaridades, suas singularidades. O racionalismo pertinente à nova ciência é aplicado; impõe, a associação entre razão e experiência. Conseqüentemente, o conceito se enriquece e se modifica com as novidades apresentadas pelo fenômeno. Ao ser específica, em vez de genérica, a lei amplia seu grau de precisão: "Um conhecimento que careça de precisão, ou melhor, um conhecimento que não seja dado com suas condições de determinação precisa não é um conhecimento científico."⁹ Ao tecer problematizações a partir da observação imediata, o conhecimento

⁷ Idem, p. 282

⁸ Idem, p. 14

⁹ Idem, p. 71

geral revela suas limitações, uma vez que circunscreve o pensamento ao âmbito do pensamento pré-científico, das facilidades propiciadas pelas generalizações indefinidas. Para exemplificar a idéia de um pensamento geral que se presentifica como toda a explicação possível por meio de uma única imagem, Bachelard alude aos hábitos verbais que encobrem, sob uma mesma designação, a diversificação extremamente variada dos fenômenos, conduzindo-nos a uma explicação enganosa. As expressões verbais sugerem expressões metafóricas que findam por se transformar em esquemas gerais. O autor aponta ainda como obstáculos a serem analisados o obstáculo animista que se manifesta na mentalidade primitiva e pré-científica e o obstáculo do conhecimento quantificado que permeia as informações do conhecimento de um rigor pouco criterioso e duvidoso. Enfim, os obstáculos substancialistas, que correspondem às intuições do filósofo realista, constituem os obstáculos mais profundamente enraizados, os mais difíceis de serem psicanalisados, visto que põem em jogo não as qualidades gerais, mas as substanciais. Neles nos deteremos um pouco mais.

Constituindo-se a partir da junção entre intuições distintas e mesmo opostas, o obstáculo substancialista revela-se polimorfo. Assim, associa as substâncias a qualidades como profunda ou superficial, manifesta ou oculta, atribuindo a elas uma interioridade. É a falsidade desse interior, cuja sedução é engendrada no inconsciente, que deve ser clarificada pela psicanálise. Para o cientista, todo fenômeno é constructo, sucedâneo de aproximações, delineando-se como um momento do raciocínio discursivo que poderá ser retificado posteriormente. Nessa senda, cumpre interrogar: que tipo de resultado representa a descrição de uma qualidade apreendida de imediato, sem “determinação precisa e detalhes das relações com outro objetos?”¹⁰. É indubitável que a atribuição direta de qualidades substanciais seria insuficiente para fundamentar um saber científico. Tal procedimento só pode gerar explicações falsas e inaceitáveis, ao mesmo tempo que obstaculiza o surgimento ou a construção de novos fenômenos. Um pensamento científico que se curve ao aspecto substancial de um fenômeno qualquer, adere às metáforas, e faz delas instrumentos de explicação da realidade dos fenômenos. Destarte, a característica mais esclarecedora do substancialismo notifica-se na utilização de inúmeros adjetivos para um mesmo substantivo. Procedimento que em vez de realizar experiências, orienta-se por um empirismo restrito que multiplica os sinônimos, acreditando que as diferentes formas

¹⁰ Idem, p. 97

de enunciá-lo, suscitadas pela imaginação, explicitam maior grau de complexidade do fenômeno. Inversamente, o pensamento científico à medida que cresce em precisão, logra a diminuição dos adjetivos vinculados a uma substância.

De acordo com Bachelard, o fundamento das seduções oriundas da substância residem lá onde se formam as preferências indestrutíveis, ou seja, no inconsciente. Em face da clareza sugerida pela substância, a sua fundamentação parece prescindir da discussão, priorizando uma concepção simples, destituída de dimensão teórica e abstrata. Daí a afirmação do autor: estes obstáculos se ancoram numa experiência mais íntima que qualquer outra, o que faz deles os mais difíceis de serem erradicados. O pensamento que se mantém associado ao saber pré-científico, valorizando o conhecimento oriundo da experiência, recorre aos matizes da qualidade para esquivar-se da verificação exigida pela natureza do conhecimento científico. Compete à psicanálise a tarefa de fazer prevalecer a demonstração objetiva em detrimento dos pareceres individuais, desconfiando maximizadamente das mentalidades sustentadas em impressões substancialistas, nas quais as provas se evadem do controle e da discussão: "A melhor maneira de livrar-se das discussões objetivas é esconder-se atrás das substâncias (...) é convertê-las em espelhos de nossas impressões subjetivas. As imagens virtuais que os realistas formam admirando mil matizes de suas impressões pessoais, são as mais difíceis de dispersar."¹¹ Essas impressões pessoais, engendradas pela imaginação, devem ser subtraídas. O pensamento abstrato funda-se sobre recalques sucessivos. A psicanálise do conhecimento objetivo não implica a explicitação de recalques inconscientes, mas a sua substituição por recalques conscientes. Compreendemos então que: "Todo o pensamento coerente é construído sobre um sistema de inibições sólidas e claras."¹²

Em síntese, os obstáculos apontados por Bachelard convergem todos para o imediatismo. Ou seja, a superação dos distintos obstáculos consiste, em última instância, na consolidação da ruptura entre a realidade percebida e a realidade construída. No que concerne à psicanálise dos obstáculos, convém aqui aludir a uma obra específica de Bachelard, qual seja, a *Psicanálise do Fogo*. Nesse livro, o primeiro que se debruça sobre a imaginação dos elementos, o autor discorre acerca dos sonhos e devaneios suscitados pelo fogo. Sem deixar de enfatizar os riscos que a imaginação pode trazer para a construção da

¹¹ Idem, p. 148

¹² Idem, p. 148

objetividade a partir das imagens inconscientes, Bachelard propõe explorá-las, evidenciando não o homem pensador, mas o homem pensativo que se deixa enredar pelo brilho do fogo e pelas imagens que dele emanam: "Teremos então múltiplas ocasiões de mostrar os perigos, para uma consciência científica das impressões primitivas, das adesões simpáticas, dos devaneios indolentes."¹³ Presente nas lendas, na mitologia, no prisma pelo qual a infância tematiza o mundo, o fogo revela-se como elemento recorrente nos sonhos e, inclusive, nas produções científicas que se delinearam no século XVIII. Em virtude do fascínio exercido, o fogo gera formas de compreensão e conhecimentos isentos de rigor e repletos de encantamento, no qual se mesclam experiências científicas e sensações subjetivas. Por conseguinte, as teorias por ele suscitadas substituem o rigor por um envolvimento empático com as impressões primeiras, tornando prevalentes os devaneios primitivos da alma, gerados no contexto subjetivo da solidão.

Ora, para Bachelard, a verdade é fruto da discussão, do conflito, não da simpatia. Nesse caso, a psicanálise vem a propósito, haurindo o império das experiências íntimas sobre a objetividade, substituindo a empatia pela ironia, a proximidade pela distância, a solidão pela discussão, a manifestação de uma sedução inconsciente por uma inibição consciente. Nesse sentido, a análise dos obstáculos epistemológicos denuncia a presença do homem primitivo e pré-científico no âmbito do pensamento abstrato. O exercício da psicanálise contribui para a ratificação da compreensão do discurso científico como um conjunto de erros retificados: "(...) psicologicamente não há verdade sem um erro retificado. Uma psicologia da atitude objetiva é uma história de nossos erros pessoais."¹⁴ A contrapartida dos erros pessoais, dos devaneios subjetivos, cuja prevalência obstrui a possibilidade de objetividade, reside, na perspectiva bachelardiana, numa objetividade que se estrutura sobre a conduta alheia, a qual cauciona a dimensão abstrata dos fenômenos objetivos. O caráter intersubjetivo, o crivo da cidadela, pode clarificar se o investigador realmente suplantou o estágio de suas visões primeiras. O controle exercido pela comunidade torna então plausível a psicanálise e a realização ou a definição do estado de objetivação, afastando o investigador solitário das impressões primeiras e do assédio das fantasias oníricas. Em outros termos, o reconhecimento do engano, do erro pessoal e elementar, constitui a garantia de um processo de objetivação. Admitir as ilusões em que freqüentemente incursionamos equivale a aceitar a positividade dos equívocos, dos

¹³ BACHELARD, G. *La psychanalyse du feu*, p. 14

engodos, dos erros. O erro - corporificado no obstáculo, que não coincide com ignorância ou lacuna debilitadoras do saber, apresenta-se como condição de evolução do pensamento a um grau de racionalização cada vez mais alto, cada vez mais preciso. Horizonte para o qual a psicanálise do conhecimento objetivo nos impulsiona, alicerçada nos esforços teóricos e psicológicos da sociedade científica. Escreve Bachelard: "(...) murmuremos a toda a vida intelectual: erro tu não és um mal."¹⁵ Por conseguinte, podemos inferir, conjuntamente com o autor, que quanto mais social uma ciência se torna, mais instrumental ela possui para pulverizar as ilusões engendradas pelos obstáculos epistemológicos, os quais logram a perenização de um pré-saber em meio ao percurso de objetividade.

Não obstante, a ciência contemporânea é, segundo Bachelard, um conhecimento inacabado. A objetividade em sua completude, total e absoluta é fictícia. O possível reside na objetivação. Constatção que nos leva a inferir que a batalha contra os obstáculos é infundável. Por um lado, no processo de elucidação do real sempre resta deles algum resíduo, uma sombra não desvelada; por outro, mesmo quando a vigilância do investigador é maximizada, ele não logra jamais a total emancipação em relação aos devaneios inconscientes, aos produtos da imaginação. A plenitude ou a totalidade é assim uma utopia para o ato de conhecer. No que concerne à impossibilidade de que o cientista permaneça incólume diante do fascínio do onírico, Bachelard escreve em *A Psicanálise do Fogo*: "Com efeito, as condições antigas do devaneio não são eliminadas pela formação científica contemporânea. O próprio cientista, quando abandona seu trabalho, retorna às valorizações primitivas. (...) o devaneio não cessa de retomar os temas primitivos, não cessa de trabalhar como uma alma primitiva, a despeito do pensamento elaborado, contra a própria instrução das experiências científicas."¹⁶ A cultura científica implica um dinamismo psicológico que deve permanecer sempre atento às seduções do realismo imediato, do onirismo que assaltam a razão não vigilante. E, por maior que seja a intensidade desse estado alerta, forças psíquicas que estavam presentes nos cientistas do século XVIII podem ainda se infiltrar nos trabalhos contemporâneos. Alerta-nos Bachelard: "Até em um espírito claro há zonas escuras. Até em um homem novo restam vestígios do homem velho. Em nós mesmos, o século XVIII continua sua vida surda e pode reaparecer."¹⁷ Esses resquícios

¹⁴ BACHELARD, G. *La Formation de L'Esprit scientifique*, p. 239

¹⁵ Idem, p. 243

¹⁶ BACHELARD, G. *La psychanalyse du feu*, p. 15

¹⁷ BACHELARD, G. *La Formation de L'Esprit Scientifique*, p. 8

não desnudam a permanência da razão humana, a fixidez de sua estrutura, mas representam a sonolência do saber, a inserção da fantasia sedutora nos processos de racionalização e de compreensão dos fenômenos. Por conseguinte, Bachelard considera que a ciência contemporânea se defronta com a exigência inexaurível de se desvincular das intuições, das imagens eleitas como favoritas pela subjetividade, como aquelas ensejadas pelo fogo. Esse esforço é imanente à busca da objetivação: "Viver e reviver o instante da objetivação, manter-se sem cessar ao estado nascente da objetivação, exige um constante esforço de dessubjetivação."¹⁸ O esforço de dessubjetivação não consiste senão no exercício perene da psicanálise sobre o conhecimento objetivo. Ratificando a idéia de que os fenômenos são criações humanas, produto de uma fenomenotecnia, Bachelard enfatiza que é no sucedâneo de mutações, de reconstruções do pensamento, ancorados na psicanálise do saber, que o homem erradica as ilusões que germinam de um saber imediato, de um pré-saber: "Haveria então lugar, acreditamos, para uma psicanálise indireta e segunda que procuraria sempre o inconsciente sob o consciente, o valor subjetivo sob as evidências."¹⁹

A ciência do século XX é aquela que constrói teorias resistentes à primeira reflexão. A objetividade se desenha, pois, contra as impressões vislumbradas em suas evidências, contra o que sua configuração primeira sugere, ou ainda, contra o que foi pensado a seu respeito anteriormente. À psicanálise do pensamento objetivo compete desvendar o passado intelectual e efetivo do pensamento científico. O dinamismo psíquico, que permeia as idéias científicas, deve ser submetido a uma vigilância constante, de modo que os valores sensíveis, os assédios da imaginação produtores de representações fantasiosas sejam pulverizados, contribuindo para que a história seja simultaneamente apreendida, julgada e refeita sob as perspectivas atuais. Em suma, a psicanálise também é fundamental para que o caráter recorrente da história possa emergir.

Até o momento, a discussão encetada nesse capítulo pretendeu explicitar que o exercício da psicanálise mantém o pensamento vigilante e constante em relação à imaginação devaneadora, às seduções das imagens inconscientes, garantindo a prevalência do racionalismo e do caráter objetivo das produções científicas. Não obstante, é o próprio desenvolvimento da obra de Bachelard que evidencia a potencialidade do mundo onírico. No que tange à primeira parte de sua produção, deparamo-nos com um estudo preciso do

¹⁸ Idem, p. 249

discurso epistemológico e da necessidade/possibilidade de um novo espírito científico. A partir da *Psicanálise do Fogo* e de *Lautréamont* - obra em que a imaginação se opõe às formas do real denotando que o realismo ingênuo também não prevalece na arte -, Bachelard mostra-se também seduzido pelo poder das metáforas e do mundo onírico. Abre-se, assim, a fenda para que sua obra poética advenha. O filósofo engaja-se no mundo noturno dos devaneios e reconhece, mesmo para o cientista, o direito ao sonho e às incursões nos descaminhos de uma possível irrealidade.

A partir das obras citadas, razão e imaginação já não se apresentam como pares radicalmente antagônicos, visto que a imaginação passa a ser vislumbrada pelo autor como forma de apreender e recriar o mundo. É certo que o papel da psicanálise do conhecimento científico não é senão o de minimizar a influência e o fascínio das metáforas e das imagens na produção do conhecimento objetivo. Mas erradicá-las totalmente seria já uma tarefa sobre-humana. Ainda que o estado de vigilância seja radicalizado, não há como a razão emancipar-se de forma absoluta dos assédios do inconsciente: "Queira-se ou não, as metáforas seduzem a razão."²⁰ A razão atua contra as imagens e contra as metáforas, mas nunca as pulveriza completamente. A racionalidade que norteia a produção científica contemporânea liberta-se dos cânones da razão clássica, e, no dizer de Bachelard, tem como peculiaridade a abertura, a dinamicidade, a militância e a inventividade. Dito mais claramente, a razão é criadora. E por isso a ciência pode suscitar um mundo novo dentro e fora do homem, uma realidade antes inexistente. Certamente, essa racionalidade dinâmica e criadora comunga ou estabelece vasos comunicantes com a imaginação. Para criar é preciso imaginar e, também, desejar. A fonte que alimenta essa ciência realizadora de novos mundos não pode ser outra que não a mesma que engendra as criações artísticas, a poética, os devaneios. Destarte, vislumbramos, na obra de Bachelard, uma certa ambiguidade entre razão e imaginação. Cabe à imaginação ser filtrada pela psicanálise do conhecimento de modo que os devaneios por ela suscitados sejam expurgados; por outro lado, é fundamental que a razão se deixe inebriar por uma energia imaginante para que o novo possa ascender. Parece, pois, que a racionalidade é antecedida por uma força irracional e devaneante, da qual provêm as

¹⁹ BACHELARD, G. *La Philosophie du non*, p. 44

²⁰ BACHELARD, G. - *La Formation de L'Esprit Scientifique*, p. 78

novidades por ela engendradas: “Não se pode estudar senão o que de início se sonhou. A ciência se forma antes sobre uma *revêrie* do que sobre a experiência.”²¹

Na discussão subsequente, analisando com mais acuidade a questão da razão criadora, tentaremos entrever a maneira pela qual Bachelard reincorpora a imaginação na produção científica.

2 - *Surracionalismo - Razão polêmica, aberta, inventiva*

Insiste Bachelard: a ciência não se constitui como imagem ou espelho do mundo, compete a ela construir os fenômenos, artificiais e desrealizados. Para tanto, a imaginação pertinente ao sujeito cognoscente e à cidadela científica torna-se prioritária. O rompimento entre ciência e realismo imediato - ou ingênuo - redefine drasticamente o papel da imaginação na prática científica.

A construção de aparelhos técnicos consubstanciados a um corpo teórico e matemático produzirá, doravante, a realidade científica. Realidade que, mais do que ser descoberta, cuja existência já estaria dada na natureza, requer a invenção. Nesse particular, é elucidativo lembrarmos que a ciência vai do racional ao real. Trata-se de suscitar um mundo racionalmente impulsionado em busca do novo, da diferença, do que possa revitalizar o pensamento tornando-o outro. Escreve Bachelard: "Este é um racionalismo que trabalha e pretende multiplicar suas aplicações, não aquele que finda por haurir a riqueza do diverso na pobreza da identidade."²² Neutraliza-se, assim, a compreensão do mundo como representação, ele se torna verificação. Ao invés de estruturar-se sobre um objeto empiricamente definido, a ciência molda-se como projeto, como realidade a ser conquistada, em constante estado de devir. À luz dessa proposição, a ciência assume seu caráter polêmico e criador. Mais do que mostrar o real, trata-se de demonstrá-lo. A demonstração confirma ou retifica uma tese anterior, reconstruindo a realidade e, simultaneamente, reformulando os próprios esquemas. A preocupação deixa de ser a descrição do fenômeno e passa a ser a sua organização abstrata. Por conseguinte, ao invés de elaborar uma razão à imagem do mundo a ciência contemporânea erige um mundo à imagem da razão. Processo que nos insere na aventura do pensar sem pontos fixos, imbuído de uma razão desejante e criadora, apta para contestar, iluminar, imaginar

²¹ BACHELARD, G. **La philosophie du non**, p. 44

²² BACHELARD, G. **Le Rationalisme Appliqué**, p. 82

realidades inauditas: "Toda a vida intelectual da ciência se joga dialeticamente nesta diferencial do conhecimento, na fronteira do desconhecido. A própria essência da reflexão é compreender o que não se tinha compreendido."²³

Reconhecer o desconhecido, por excelência inexaurível, como o chão de sua reflexão implica o abdicar de uma identidade entre pensamento e mundo, em prol de uma ciência que reivindica o direito ao estranhamento e à perplexidade. Uma vez que o imediato já não diz nada à ciência, é o mundo não desvelado pela percepção que vai suscitar as interrogações pertinentes ao pensamento científico. Em face disto, compreendemos o filósofo ao asseverar que a ciência se inicia com um segredo e se manifesta como conhecimento elaborado: "A ciência não é o pleonasmo da experiência (...) o empirismo começa pelo registro dos fatos evidentes e a ciência denuncia esta evidência a fim de descobrir leis ocultas. Só existe ciência daquilo que é oculto."²⁴ Desse modo, Bachelard afirma em *O Materialismo Racional* que, ao perscrutar as interrogações sugeridas pela ciência, o homem logra sua inserção num mundo novo. Acontecimento que o revitaliza enquanto ser pensante que se depara com a novidade inexpugnável do ainda não pensado. Destarte, o devir múltiplo e indômito torna-se sua prerrogativa. Daí que a razão científica exercite sua capacidade de espanto,²⁵ surpreendendo-se com o incognoscível, com o enigma ainda não decifrado ou organizado pelo trabalho do intelecto: "Pelo contrário, em vez desta comunhão com uma realidade global à qual o sábio voltaria com júbilo como a uma filosofia original, não conviria, para compreender a evolução intelectual, prestar atenção ao pensamento ansioso, ao pensamento à procura do objeto, ao pensamento que procura ocasiões dialéticas para sair de si próprio, para romper os seus

²³ BACHELARD, G. *Le Nouvel Esprit Scientifique*, p. 173

²⁴ BACHELARD, G. *L'Activité rationaliste de la physique contemporaine*, p. 18

²⁵ Conceitos como enigma, espanto e decifração são aqui emprestados de historiadores que repensam o estatuto científico da história. Suas reflexões não apenas postulam a ruptura da historiografia com uma metodologia que se ancora seja no postulado das leis, seja no do sentido da história, mas, inclusive, visualiza as alternativas que se abrem com esse divórcio. A essas propostas, ilustradas por autores como P. Veyne e P. Norá, subjaz a intenção de evidenciar a possibilidade de um percurso no processo de conhecimento que perscruta e privilegia, no decorrer da investigação histórica, não a persistência do já conhecido, mas o eminentemente diferente, a alteridade irredutível. O esforço da interpretação requer, por conseguinte, que o historiador se guie pelo sentimento de estranheza (fundamental para que seja possível captar significantes outros presentes na obviedade acontecimental), pelo espanto que impulsiona sua curiosidade em direção ao problema que se oferece para a decifração. VEYNE, Paul. "Nada mais do que uma narrativa verídica." In: **Como se escreve a História**. Lisboa, Edições 70, 1983; NORÁ, Pierre O retorno do Fato. In: **Nova História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1988

próprios quadros, numa palavra, ao pensamento em vias de objetivação? Não pode então deixar de concluir-se que *um tal pensamento é criador.*”²⁶ Enfim, a atividade científica é criadora e requer uma razão inquieta apta para engendrar ou imaginar o novo. Ao dar existência ao irreal, essa razão torna-se similar à arte, ainda que mantenha com ela diferenças inexauríveis.

A investigação de uma realidade que inexiste só pode ser realizada com o pensamento abstrato e é isso que evidenciará a presença da imaginação na ciência. A imaginação presentifica-se como recurso imprescindível para perscrutar uma realidade fundamentalmente imponderável, evadindo-se da condição de quesito auxiliar na articulação das informações advindas da observação. Uma vez que o real não está dado no imediato, somente a matemática, no caso das ciências físicas, conduz a razão na busca do real suscitando a experiência: "De hoje em diante o estudo do fenômeno depende de uma atividade puramente numenal; é a matemática que abre caminho para a experiência."²⁷ À medida que a construção matemática antecede a experiência, não apenas engendrando-a, mas antecipando as várias possibilidades de sua explicitação, ela contempla o caráter inventivo do pensamento científico tornando a imaginação prioritária no processo de investigação. Os modelos matemáticos ao mesmo tempo que criam os fenômenos levam a razão a recriar-se, possibilitando o germinar de realidades inauditas em cuja construção razão e experiência não se dissociam. Sob esse prisma é que a racionalidade matemática viabiliza a invenção no âmbito do pensamento, tornando possível a investigação e a construção do inaudito. O novo real que emerge do processo de racionalização e da experimentação não se desenharia sem a construção do modelo matemático.²⁸ Em outros termos, a matemática graças à capacidade de extensão de seus conceitos opera a emergência de novas investigações racionalistas na física e na química

²⁶ BACHELARD, G. *Le Nouvel Esprit Scientifique*, p. 177, grifo nosso

²⁷ Idem, p. 62

²⁸ Em relação ao papel dos conceitos matemáticos na apreensão dos novos fenômenos físicos, cujo corolário é a invenção do real, Marly Bulcão, salienta: "O valor indutivo da Matemática reside na sua própria natureza, pois ela é uma ciência que permite a generalização e a complexificação das relações. Segundo Bachelard, na ciência contemporânea (...) as teorias devem se aplicar ao maior número possível dos fenômenos. Sendo assim, a Matemática se torna importante pelo poder de extensão de suas noções. A Matemática tem extensão inigualável porque realiza em suas equações, todas as variações possíveis. Através de suas funções a Matemática consegue representar todas as razões de variações de um fenômeno. (...). Na origem do espírito científico, era necessário que o físico fizesse generalizações a partir do empírico, sendo então o pensamento um resumo da experiência. Segundo Bachelard, na ciência contemporânea a experimentação cedeu lugar à matemática." In: BULCÃO, Marly, *O Racionalismo da Ciência Contemporânea*, p. 80

contemporâneas. Se no âmbito do pensamento científico clássico, a matemática era fundamental para mensurar o imediatamente detectado, agora seu papel é redefinido: ela não vem para precisar o que já existe, mas para apontar as possibilidades do inexistente. Ao organizar a própria experiência afastando o espírito das intuições primeiras, o raciocínio abstrato e matemático concretiza o esforço da criação que permite a configuração do fenômeno em virtude da extensão de suas noções e a sua capacidade de invenção. Não obstante, é preciso frisar que, se o espírito matemático organiza a experiência engendrando-a, ele também é alterado por ela. A razão matemática é aplicada e o exercício da aplicação ocasiona a expansão do raciocínio, ajustando novas capacidades de generalização.

A título de esclarecimento vale lembrar que os elementos infinitesimais não podem ser descobertos ou descritos. Não estão situados na natureza, e será a linguagem matemática que permitirá o seu alcance. Nesse sentido, é lícito afirmar que a aventura matemática logra a inserção do homem no real ao mesmo tempo que permite transcendê-lo. Para Bachelard, os signos matemáticos assemelham-se ao signos da arte, não se constituem como representações circunscritas a uma rígida formalização. Ao contrário podem ser flexibilizados, transformados, incorporando as manifestações inauditas para o pensamento. Em outros termos, o pensamento abstrato logra a pluralidade dos percursos para as distintas investigações racionalistas e organiza a experiência com a criação de conceitos que viabilizam o vislumbre do fenômeno. Bachelard é categórico: “O esforço matemático é o instrumento da descoberta, a experiência matemática, por si só, permite pensar o fenômeno.”²⁹ Posto que o conhecimento matemático é racional e abstrato, ao mesmo tempo que instaura o novo, insuflado pela imaginação, tentemos vislumbrar de que modo, sem abrir mão do rigor, Bachelard vai fundamentar esta razão pertinente à ciência contemporânea, que se revela aplicada, integral, regional, aberta e, sobretudo, criadora.

A razão aberta configura-se como a única alternativa pertinente para uma ciência que se empenha na busca do novo, que interroga sua própria constituição, que retifica incessantemente os conceitos, repensando as trilhas já percorridas pela história do pensamento. Em face disto, as construções teóricas não perseveram como pontos estanques imunes à interrogação, elas impõem a renovação das experiências e do conhecimento que as produz. Defrontamo-nos assim com uma outra concepção de razão que resiste à mera

contemplação, que recusa-se a permanecer ancorada em pontos fixos, e que torna prevalente a capacidade de criar e de incorporar novos acontecimentos.

Com as novas descobertas científicas vislumbradas no início deste século, anacroniza-se uma racionalidade elementar, imobilizada em princípios universais. Doravante, já não é factível contrapor uma razão fechada a uma realidade imponderável.³⁰ Inversamente, para construir um real que inexiste, para abordar um objeto em constante estado de mutação, para dotar de inteligibilidade um real inacabado, faz-se mister uma razão ativa e inventiva que se edifique no contexto da instabilidade e cuja natureza seja a da subversão: "(...) a função da razão é provocar crises e a razão polêmica (...) não pode deixar muito tempo a razão arquitetônica entregue a suas contemplações (...). Unicamente a crise da razão pode instruir a razão."³¹ Destarte, Bachelard refere-se a uma razão enérgica, intrinsecamente cindida, que faz de si mesma o objeto de sua crítica. O exercício dessa racionalidade transcende o já adquirido em sua aprendizagem e se propõe, inclusive a desaprender muito mais do que já aprendeu, de modo a fazer vingar formas inauditas de pensar e a construir o universo teórico em concomitância com as experiências fenomênicas. As peculiaridades da ciência no século XX são incompatíveis com a razão clássica ou tradicional e com princípios gerais. Insiste Bachelard: "Quem diz razão, não diz lógica pura."³² A razão deve permanecer inquieta desconfiando de seu logros passados, suscitando alternativas outras, criando e engendrando pensamentos multifacetados.

²⁹ BACHELARD, G. **Le Nouvel Esprit Scientifique**, p. 53

³⁰ Merleau Ponty denomina pequeno racionalismo aquele que permeou as explicações científicas que precederam a teoria da relatividade e a física quântica. Esse racionalismo inscrevia-se numa ciência com pretensões de totalidade, de modo que, após atingir o ápice de seu desenvolvimento, todas as respostas já estariam prontas de antemão: "(...) é um fato que se sonhou com um momento em que o espírito, tendo encerrado numa rede de relações a totalidade do real (...) ficaria daí em diante em repouso, ou já não teria sentido tirar as conseqüências de um saber definitivo e de enfrentar, mediante alguma explicação dos mesmos princípios, os derradeiros sobressaltos do imprevisível." Merleau Ponty alude, assim, a uma racionalidade que, no intuito da exatidão, produz uma mitologia da lei e da explicação apta a devastar os mistérios do mundo. Contra essa razão incapaz de criar e desejosa de controle absoluto, o autor evoca o pensamento de Einstein e a crise da razão, para atestar a presença da invenção na ciência e para demonstrar quão indefensável é a hipótese de um real regular ou previsível. Segundo Merleau Ponty, Einstein nos descortinou uma ciência que deixa de ser o reflexo das leis incrustadas nos fenômenos, para revelar-se, fundamentalmente, como criação, na qual idéias e conceitos são livremente inventados. Asserção que nos conduz, inevitavelmente, à tematização da razão criadora em Bachelard. Ver MERLEAU-PONTY, Maurice. O Grande racionalismo. In: **Signos**. São Paulo, Martins Fontes, Ed, 1991, p. 161

³¹ BACHELARD, G. **L'Engagement Rationaliste**, p. 27

³² BACHELARD, G. **La Formation de L'Esprit Scientifique**, p. 250

Esse racionalismo indômito e polêmico tem sua inserção numa concepção outra de razão que, em Bachelard, denomina-se *surracionalismo*. Com essa designação, a filosofia postula a imprescindibilidade de uma razão que incorpora ao pensamento o exercício da liberdade, a qual assemelha-se à liberdade da criação artística operada pelo surrealismo nas artes.³³ Nas palavras do autor: "É preciso restituir à razão humana sua função de

³³ É importante observar que o sonho e o devaneio, enquanto material desvelador de uma realidade mais profunda de nós mesmos, figura no surrealismo como fonte de inspiração permanente. Para os poetas ligados a esse movimento, o exercício de uma escrita automática que se abandone às imagens suscitadas pelo inconsciente, minimizando a intervenção da consciência, opera a proliferação de imagens inusitadas e impessoais, uma vez que estranhas ao sujeito consciente. Vislumbramos, assim, nessa manifestação da arte, a procura de um método que possa explicitar a vida que emana das recônditas regiões do inconsciente. Os exercícios, o automatismo da palavra e da escrita, o apelo às drogas, consistem em alternativas multifacetadas que se oferecem como caminho para a graça poética: "(...) se proclama o valor do conhecimento inerente aos agrupamentos espontâneos, as palavras e as imagens que surgem da sombra interior." (Béguin; 1946:390) O conteúdo do inconsciente deverá aflorar à revelia dos auspícios da razão, sob a total ausência de controle. Esses estados afetivos, assim desvelados, subtraídos à lógica, lograriam a condução do eu às dimensões mais primitivas do ser. O papel do sonho neste empenho é proeminente. Não se trata de um abandono ao sonho, mas uma conquista, como se a dimensão onírica pudesse esclarecer as questões fundamentais da vida: "Aplicar o sonho, ele também (e não apenas ele) à resolução das questões fundamentais da vida, tal é então a proposta do surrealismo. O sonho explicaria a vigília, mas a vigília não explicaria o sonho? As sugestões da noite profunda não registrariam uma multidão de nossos atos e de nossos sentimentos? E não há no sonho uma certeza particular que permite ao sonhador ser mais saciado, menos atormentado pela angustiante questão da possibilidade que o homem desperto?" (Béguin; 1946:391) Se o sonho não configura a obra de arte, se ele não consiste na poesia em si mesma, isto não impede que ele seja a fonte da criação poética. O que o sonho denuncia é a amplitude do real, levando-nos a reconhecer que trazemos em nós o mundo das imagens e da liberdade, que o modo pelo qual as coisas e o mundo se apresentam à consciência desperta não pulveriza os sentidos possíveis. O sonho nos desvela e nos insere numa aproximação feérica do universo, evidenciando que a vigília não consiste na única ordem possível, argumenta Béguin. Assim, na persecução dos fantasmas interiores, mais do que um jogo estético, explicita-se a crença do surrealismo na idéia de que a dignidade humana "reside na devoção desesperada, na esperança absurda que se alimenta nas profundezas mesma da incerteza." (Béguin; 1946:392) Essas imagens que emergem desvelando regiões ignoradas da alma e enunciando novos sentidos para mundo, atuam, segundo Ferdinand Alquié, através do sujeito, o qual constitui apenas um veículo de expressão: "(...) espécie de naturalismo cósmico. Semelhante à mônada leibiniziana, o homem realizaria em cada um de seus atos, um destino concebido exteriormente a si e do qual esse seria expressão involuntária." (Alquié; 1985:181) O exercício da imaginação que promove o transbordamento das imagens logra a continuidade da natureza dentro do homem, a qual se manifesta como realidade desconhecida e estrangeira. Essa natureza que se manifesta, consiste numa realidade objetiva que só pode ser desvendada pelos poderes da imaginação. A realidade que a imaginação expressa é então uma dimensão superior, uma surrealidade na qual, conquanto o estranhamento que nos causa, penetramos ao imaginá-la. Trata-se da realidade do inconsciente, que consiste na razão mesma do ser humano, "seu ponto de inserção no vasto processo da natureza." (Béguin; 1946:76) É importante observar que o inconsciente ao qual aludem os surrealistas ultrapassa a noção freudiana, visto que não deriva de antigos conteúdos recalçados na vivência do sujeito, mas concerne a uma natureza que o suplanta e o vincula a uma totalidade universal. É a persecução, algo romântica, desta realidade que impulsiona os surrealistas; trata-se da busca deste lugar "onde a vida e a morte, o real e o

turbulência e agressividade. Assim é que se contribuirá para a fundação de um surracionalismo que multiplicará as oportunidades de pensar. Quando esse racionalismo houver encontrado sua doutrina, poderá ser posto em relação com o surrealismo pois a sensibilidade e a razão terão recuperado juntas sua fluidez (...). Compreender-se-á de modo diferente e sentir-se-á de modo diferente. Estabelecer-se-á uma razão experimental, suscetível de organizar surracionalmente o real, assim como o sonho experimental de Tristan Tzara organiza surrealisticamente a liberdade poética."³⁴

Posto que o surracionalismo equivale a uma razão voltada para o futuro, aberta para o novo, para o equacionamento do já pensado, a multiplicação das alternativas do pensar tornam-se suas prerrogativas, o que dota esse novo racionalismo de uma dupla dialética. Uma dialética interna que majora o dinamismo intrínseco da razão, levando-a a desconfiar de si, tornando seus conceitos suscetíveis às mais diversas interrogações; uma dialética externa, presentificada na constante retificação da experiência, na reconstrução incessante dos fenômenos. Essa razão duplamente dialética modifica simultaneamente o espírito que conhece e aquilo que se configura para ser apreendido pelo pensamento. Origina, pois, um *superempirismo* que dinamiza o pensamento propiciando uma *efervescência psíquica, uma alegria intelectual* no dizer do filósofo.

Para Bachelard o caráter repetitivo da memória se contrapõe diametralmente ao poder inventivo da razão. Enquanto a primeira permanece atrelada ao passado, a segunda vislumbra o futuro, o desconhecido, o ainda não pensado. O surracionalismo remete-nos a uma razão que, ao abandonar a fixidez do *a priori* e do *a posteriori*, do racionalismo e do empirismo, fundamenta-se sobre a prática da retificação, sobre a reorganização das primeiras experiências, o que impele a ciência à superação das experiências adquiridas que permanecem na memória. Rompendo com o saber instituído, retificando-o, a razão surracional se evade da condição de tradição e das formas de pensar já cristalizadas. Doravante, a meta é o risco, o desejo é o de surpreender o pensamento: "O que se deve sacrificar? Nossas grosseiras seguranças ou os novos conhecimentos aleatórios e inúteis? Não há dúvida: se deve ir até onde se pensa mais, até onde se experimenta mais artificialmente, até onde as idéias são menos viscosas, onde a razão gosta de arriscar-se. Se

imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incommunicável, o alto e o baixo deixam de ser percebidos contraditoriamente." (Breton; 1962:154) Ou seja, um lugar absolutamente avesso à lógica e à vocação pragmática da consciência.

³⁴ BACHELARD, G. *Le Surrationalisme*. In: **L'Engagement Rationaliste**, p. 7

em uma experiência não se julga uma razão, esta experiência não vale a pena ser inventada.(...) *Cultivar o gosto do porto, da certeza, do sistema, não é então um anacronismo?*³⁵ Abandonar o porto e enveredar pelo desconhecido requer a releitura ou a ruptura com tradição e com saberes estabelecidos. Os acontecimentos experimentais que apenas ratificam o já sabido, que se revelam incapazes de atordoar o pensamento e que perpetuam métodos antigos e empedernidos são prescindíveis e destituídos de relevância. O pensamento contemporâneo deixa claro que a razão já não se molda ao rígido pensamento formal: "Os conhecimentos (...) pacientemente justapostos, cuidadosamente conformados, são suspeitos. Levam o mal signo da prudência, da conformidade, da constância e da lentidão"³⁶

Em suma, a razão se potencializa como atividade criadora no âmbito de uma ciência que se afirma como um projeto, uma construção voltada para o futuro e não para o passado. Daí decorre que o surracionismo logre a consumação de uma racionalidade cada vez mais depurada, cada vez mais vertical do que aquela já instituída pela ciência atual. Ressaltando a incompletude da razão, Bachelard emancipa-a de seu sono dogmático: "A razão felizmente incompleta, já não pode dormir na tradição, já não pode contar com a memória para recitar tautologias. Sem cessar necessita provar e provar-se. Está em luta com os outros, mas principalmente com ela mesma."³⁷ O surracionismo bachelardiano pressupõe uma razão mutante, plural, inacabada e permanentemente redimensionada. É a razão que elege o **não** como norte de persecução.

Tal como observado por V. Felício, a razão inquieta e criadora, celebrada por Bachelard, diverge profundamente da razão iluminista. Essa racionalidade não denega o desconhecido e o irracional, depreciando-os e esquecendo-os porque eles não se deixam traduzir nos cânones vigentes. Em vez de expulsar o incógnito, ela o incorpora, modificando a si mesma concomitantemente. Essa razão é insaciável. Não se realiza com o já alcançado; ao contrário, almeja o novo e põe-se no encalço do ainda não desvelado, expondo-se a uma revisão constante de seus fundamentos e de sua constituição.³⁸ Ora, certamente a razão surracional bebe nas fontes da imaginação e mantém com ela relações ambíguas, uma vez que deve lutar para minimizá-la ao mesmo tempo que encontra nela as

³⁵ Idem, p. 10-11, grifo nosso

³⁶ Idem, p. 10

³⁷ Idem, p. 12

³⁸ FELÍCIO, Vera Lúcia. **A Imaginação Simbólica**, p. 94

forças que a revigoram. Por conseguinte, a ciência que se desenvolve no decorrer do século XX revela-se análoga à arte. Imaginar, criar, dar lugar ao inexistente tornam-se atributos seus. Seu ponto de partida não reside na experiência, sua meta está além das evidências. Consiste mesmo em ultrapassá-las. Não obstante, em inúmeras passagens de sua obra, Bachelard é enfático: razão e imaginação, ciência e poesia, perfazem caminhos opostos. Nas palavras do autor: "Os eixos da poesia e da ciência são a princípio inversos. Tudo o que a filosofia pode esperar é tornar a poesia e a ciência complementares, uni-las como dois contrários bem feitos."³⁹ A ciência prioriza a clareza dos conceitos, a exatidão, compromete-se com a veracidade e com a prova; a poesia aventura-se pelo universo das sombras e da noite, opera sua criação em meio aos sonhos e aos devaneios.

Ora, conquanto razão e imaginação, ciência e poesia permaneçam como esferas distintas, a razão imagina, cria. Essa a idéia que tem norteado a discussão até aqui tecida. Daí que não podemos conter uma interrogação: a razão ativa, aberta, para a qual a lógica é insuficiente, não estabelece profundas afinidades com a imaginação? Noutros termos, será possível distingui-las? No enalço de respostas, procuraremos explicitar o modo pelo qual Bachelard, sem minimizar suas exigências de rigor, nos desnuda uma razão que compartilha a qualidade dinâmica do ato de imaginar, a qual se presentifica em ambas as vertentes de seu pensamento.

Somos, assim, conduzidos à poética de Gaston Bachelard .

³⁹ BACHELARD, G. *La psychanalyse du feu*, p. 12